

## **BIOÉTICA: MISSÃO DA IGREJA**

Eduardo Mundim

Ética significa atribuir valor a atitudes humanas. Como estas são muitas, a atribuição de valor implica na hierarquização das mesmas, reconhecendo umas como prioritárias em relação a outras.

Comumente, bioética é entendida como a atribuição de valor à capacidade humana de influenciar no curso da vida através do uso de suas habilidades, sejam elas quais forem. Ainda que por este viés um rico campo para reflexão possa ser explorado, vamos fixar a questão no mundo contemporâneo, onde a capacidade tecnológica da humanidade abre novas fronteiras.

A tese que será defendida afirma que bioética sempre fez parte da vocação da Igreja, ainda que ela nem sempre o tenha reconhecido. Igrejas aqui tomadas no seu sentido bíblico da assembléia dos que crêem (daí o maiúsculo), e não no sentido institucional, como normalmente é visto. Para os propósitos deste texto, esta distinção é primordial. Contudo, é necessário reconhecer que os dois conjuntos, Igreja/assembléia e igreja/instituição, não são completamente separados, mas compartilham uma área comum. É importante um diálogo (que talvez devesse ser dialético), entre estas duas formas de ser comunidade, sabendo que é humanamente impossível anular uma delas, e que com muita probabilidade uma se alimenta na outra. Se tal interdependência se desenvolve como deveria é uma outra história.

No jardim, antes que o pecado fizesse parte da vida do homem, a questão bioética já existia. Pois ao primeiro casal é dada a tarefa de cultivar o Éden, e o guardar. A tarefa de extrair do solo (naquela época sem sofrimento) sua sobrevivência foi pareada com a de preservar o meio-ambiente. Não há no texto sagrado, salvo melhor juízo, permissão para se entender que uma tarefa fosse superior à outra; ambas tinham o mesmo peso/valor.

A astuta serpente, porta-voz do Adversário (ou quem sabe, o próprio), leva ao casal uma questão que, naquele momento, era "pré-ética": uma mudança de parâmetros. As regras para que homem e mulher cultivassem/guardassem o jardim estavam postas, e as escolhas que tinham de tomar baseavam-se no fato de que o "Deus -em-Comunidade" ("façamos") detinha o monopólio moral. Ele, e apenas Ele, decidia entre o que era certo e o que era errado. Ele era, em Si mesmo, a fonte, a origem, deste tipo de decisão. A serpente propõe a Eva "seja você mesma aquela que decide o que é o bem, e o que é o mal"; "recuse o monopólio divino e tome em suas próprias mãos o seu destino, tornando-se senhora absoluta de suas escolhas éticas", "pois assim fazendo se tornará divina".

A inevitável consequência foi a de um mundo transformado, para pior. O mundo no qual o Criador detinha o monopólio era desafiador. As tarefas de cultivar e guardar pressupunham dificuldades a serem vencidas, desafios, a tensão necessária para o progresso - o desenvolver das habilidades inatas. O mundo no qual o homem rejeita a vontade divina passa a ser aquele no qual o cultivar se dará através de um esforço cruel contra a adversidade ("do suor do teu rosto"); não há mais um jardim a guardar, mas uma natureza maldita, onde aquele que deveria ser protegido ferirá o calcanhar daquele que deveria protegê-lo, e o protetor esmagará a cabeça daquele que deveria proteger. Se o ato sexual não é diretamente atingido, sua função procriadora o é, já que o nascimento se dará através do sofrimento. Mas a relação outrora harmônica entre os sexos de auxílio mútuo é rebaixada para a

ordem de subjugação da mulher (doravante alcunhada de "sexo frágil") pelo homem, naquilo que é mais pessoal, a vontade.

A partir da queda, a questão bioética ganha contornos dramáticos, pois a situação agora é de antagonismos: humanidade X meio ambiente; homem X mulher; raça humana X Deus. Os lados negativos de cada escolha trarão sofrimentos, e os lados positivos nunca serão puros, mas permanentemente ambíguos.

À medida que "os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis", Ele não desiste daquele que uma vez foi perfeitamente à Sua imagem e semelhança. Mantém um canal de comunicação aberto (que se estreita e "aperfeiçoa progressivamente" ao longo da história) por onde fornece diretrizes éticas que podem, ou não, serem abraçadas. E se há uma tolerância divina (na linguagem bíblica, misericórdia), esta tem seus limites, pois em pelo menos dois momentos as opções éticas tomadas pela raça humana a fizeram absolutamente abominável. O mundo na época de Noé submerge nas águas ("viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra...porque a terra está cheia da violência dos homens") e as cidades de Sodoma e Gomorra, pela total depravação de ambas, tanto a nível pessoal (a sexual) quanto a nível institucional (a injustiça social), queimadas.

O homem no Éden tinha engravado no seu peito os pressupostos éticos baseados nos quais tomaria suas decisões (haveria a possibilidade, àquela época, de errar sem pecar?). Agora, o que traz enraizado em sua alma é a firme decisão pela soberania. Deus agora tem de revelar a sua criatura maior quais são os pressupostos divinos para a reflexão ética correta, antes de discutir bioética com ele. Um autêntico e desastroso atraso de vida para a raça humana. Faz alianças sucessivas com representantes da humanidade: Adão após a queda, Noé, Abraão, Isaac, Jacó, e com o povo de Israel, com Davi e com a Igreja. Em cada uma, revela a Si mesmo cada vez mais, e revela a humanidade a Si mesma cada vez mais. O ponto crucial revelado ao homem, a respeito de si mesmo, é a incapacidade de seguir uma lei exterior, a possibilidade de cumprir um ritual carregado de riqueza simbólica tanto espiritual quanto psicológica de forma vazia, sem compromisso pessoal. Ao homem é revelado que necessita de um "coração de carne, e não de pedra".

Por último, Deus se faz homem em Jesus, revelando-Se através do Filho. NEle se tem todo o pressuposto necessário para se decidir as questões éticas. Contudo, o mundo continua hostil mesmo aos que nascem de novo; a conversão não elimina a ambigüidade do coração do homem; o batismo com o Espírito Santo não cura o homem interior, no que diz respeito as suas vivências interiores (estudadas pela psicologia moderna). As Escrituras são preservadas com fidelidade ao longo dos séculos, mas ao homem não é dado um manual de como interpretá-la (e se tal tivesse sido feito, nós discutiríamos a respeito da correta interpretação do manual). A hermenêutica varia de um cristão para outro, e muitas vezes eles podem ser agrupados pelo modo como se aproximam das mesmas.

Àqueles que respondem ao chamado da conversão um novo estilo de vida emerge. Sua principal característica é o retorno voluntário às regras do Éden: Deus define as diretrizes da vida. Ao longo das Escrituras estas vão sendo reveladas ao leitor e ao estudioso. Ao primeiro, diversos mandamentos saltam aos olhos:

- ser sal e luz na comunidade na qual se está inserido
- uma vida de serviço ao próximo, seja ele um crente ou não

- amar a Deus sobre todas as coisas
- amar ao próximo como a si mesmo
- divulgar a todos que Deus Pai, devido ao auto-sacrifício voluntário do Deus-Filho na cruz, perdoa a rebeldia inata e a rebeldia proposital, e aceita o pecador com toda a sua ambigüidade e fraqueza (a assim chamada grande comissão).

Ao estudioso, ficam perguntas:

- como os valores divinos podem ser inseridos em uma sociedade que os recusa?
- nas questões cotidianas, geradas pela capacidade tecnológica, o que precisa ser salgado e o que precisa ser iluminado?
- frente às complexidades das inter-relações humanas, "o que Jesus faria"?

Para desespero daqueles que almejam ser apenas leitores, não é possível a neutralidade. Como bem frizou Jesus, em um contexto na verdade diferente, "seja, porém, a tua palavra: sim, sim; não, não". O mandamento de salgar e iluminar (e onde está definido que o da evangelização é superior?) não permite a atitude "não é meu problema". O de amar ao próximo (que é claramente colocado em segundo plano frente ao primeiro, amar a Deus) proíbe a resposta "eu não me importo com você". E aos contaminados pelo espírito legalista (espírito este do qual a Cruz veio também nos libertar), o apóstolo João coloca o dedo divino na ferida: "aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê".

Para consolo do estudioso, perdido frente à complexidade das inter-relações humanas e sentindo-se impotente frente ao "jogo de varetas" que é viver em sociedade, não há mandamento que impeça ser dito "eu não sei a resposta para a questão que me propõe. Tenho um raciocínio a seguir para tentar respondê-la; posso ser seu companheiro nesta jornada"?

**Belo Horizonte, 10 de Março de 2006.**